

CORPO FEMININO- LUGAR DE SOCIABILIDADES HISTÓRICAS E REPRESENTAÇÕES POLÍTICAS

Mirna Lúcia Araújo de MORAES¹

José Guilherme de Oliveira CASTRO²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar o corpo feminino como lugar de enunciações políticas, bem como de representações sociais, urdiduras essas evocadas pelas mulheres, presas políticas durante o Estado Novo, década de 30, no governo de Getúlio Vargas. O ponto de partida para tal empreendimento será a leitura do texto *Companheiras*, da escritora e jornalista paraense Eneida de Moraes; por se tratar de uma prosa literária documental constitui chão fértil para a compreensão de um recorte histórico deflagrador de campos comunicacionais expressivos, resultado de movimentos sociais assumidos e vividos pelas militantes femininas do Partido Comunista, experimentados no Brasil durante o regime republicano. Por intermédio das fundamentações teóricas de Raquel Recuero, de José Luís Lima Garcia, dentre outros, construiremos uma análise dos discursos inseridos nos fluxos sócio históricos a que o texto literário se remete e os possíveis reflexos dessa época, para as comunicações sociais e políticas.

PALAVRAS-CHAVE:

Corpo Feminino; Senha Comunista; Sociabilidades; Política.

ABSTRACT

This article aims to present the female body as a lace of political enunciations, as well as social representations, ideals evoked by women, political prisoners during the Estado Novo, 1930's, under the government of Getúlio Vargas. The starting point for such an undertaking will be the reading of the text *Companheiras*, by the Brazilian writer and journalist Eneida de Moraes; because it is a documental literary prose, it constitutes a fertile ground for the understanding of a historical fragmentation of expressive communicational fields. Result of social movements lived by the female militants of the Communist Party, experienced in Brazil during the republican regime. Through the theoretical foundations of Raquel Recuero, by José Luís Lima Garcia, among others, we will build an analysis of the discourses inserted in the sociocultural flows to which the literary text refers and the possible reflections of the time.

KEYWORDS:

Female body; Communist password; Sociability; Politic.

1. Primeiras questões

As situações de sociabilidades abordadas neste artigo a partir das experiências vividas pelo e no corpo feminino são denunciadas pelo texto literário *Companheiras*, da cronista e jornalista paraense Eneida de Moraes; fato ocorrido numa de Casa de Detenção, no contexto dos idos anos do Estado Novo (1935 – 1938), com seus crimes, perseguições e torturas às presas políticas. Importante lembrar que, neste contexto histórico havia um total emudecimento quanto ao direito das mulheres, tanto de ordem social, quanto aos de ordem política/jurídica/cultural, dado ao fato que estas conquistas do gênero feminino ou, mais precisamente, às questões de gênero se evidenciam pelos movimentos sociais no Brasil, dos anos 60-70, quando então emergiu o estudo das narrativas dos oprimidos. Até então, o sistema carcerário era pensado sob a perspectiva patriarcal.

Por outro lado, a Constituição vigente da época a que o texto literário se reporta – 1937 – conhecida como Polaca, denominada desta forma por ser fruto de um modelo semifascista polonês, expressava-se autoritária, com atenção especial aos interesses de grupos políticos aliados a guardas. Esta situação permaneceu até o fim da Segunda Guerra Mundial.

1 Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura – UNAMA, vinculada ao Grupo de pesquisa Interfaces do Texto Amazônico – GITA/UNAMA. Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela UNAMA. Especialista em Literatura Brasileira pela

PUC-MG. Professora da Secretaria de Educação do Pará (SEDUC/PA). Docente da Universidade da Amazônia (UNAMA). Docente da Faculdade Metropolitana da Amazônia (FAMAZ). E-mail: mguapindaia.mm@gmail.com
2 Doutor em Letras pela PUC/RS. Professor associado da

Universidade da Amazônia. Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/UNAMA) e líder do Grupo de Pesquisa Interfaces do Texto Amazônico (GITA/UNAMA). E-mail: zevone@superig.com.br

A ficção da escritora e militante política Eneida de Moraes feita palavra na narrativa e a palavra feita documento no percurso de representações políticas de poder e de enfrentamento a esse poder se inscrevem nos discursos traduzidos por signos linguísticos atravessados por jogos de interesses, para assim definir o lugar de fala. A exemplo das marcas de violência tatuadas nos corpos de algumas presas da cela 4.

À barbárie ocorrida na cela 4 traz e corrobora com a urgência da Declaração Universal dos Direitos Humanos, já que a finalidade dessa é construir um mundo com olhar voltado para a paz mundial, além de fortalecer a democracia. No entanto, a Declaração somente foi positivada em 1948, após a Segunda Grande Guerra Mundial; o que nos faz pensar em Mead (apud MENDONÇA, 2013) quando afirma ser esta democracia: uma forma de organização da vida humana que possibilita um exercício cooperativo da inteligência e a construção conjunta da comunidade política.

Também se faz necessário evidenciar nesse contexto as profundas transformações nos campos sociais, intelectuais e políticos porque passava o Brasil em pleno Estado Novo. Ao mesmo tempo que autoritário, contudo, propício à difusão das ciências humanas e sociais, a exemplo da divulgação de livros que tratavam da experiência da União Soviética, nas livrarias da época; além da existência de pequenas editoras colocando em circulação social conteúdos acerca do marxismo, sindicalismo, movimento operário.

Na esteira dessas correntes de esquerda surgem traduções de narradores simpatizantes desse movimento, como: Fiodor Gladkov, Upton Sinclair influenciando no Brasil, obras de orientação marxista: Mauá, de Castro Rabelo (1932) e Evolução Política do Brasil, de Caio Prado Junior (1934). Fatos esses mencionados que corroboram com a incorporação de novas ideologias expandindo as formas de sociabilidades, visto que ante as outras ordens de saber, novas posturas passam a ser constituídas.

Essas ordens de saberes alcançam e afetam também as mulheres, a exemplo das presas capturadas pelas lentes literárias de Eneida de Moraes, representações humanas tanto da dor física imputada aos seus corpos quanto da dor moral arquivada na memória de cada uma dessas mulheres, materializando o radicalismo de Vargas, como ainda a dominação masculina, denunciada por Eneida de Moraes neste flagrante textual:

E contou. Contou com voz firme o quanto sofrera. A Polícia Especial a maltratara monstruosamente. Mostrou-nos os seios onde trazia impressas marcas de dedos. Colocavam-na no alto da escada, amarrada e nua para forçá-la a declarar ou delatar, enquanto dois homens enormes lhe puxavam os seios (MORAES, 1989, p. 136).

A partir do efeito político, assim como de observação às questões de gênero atribuídas a esta cena, também torna pública a inevitável reivindicação das mulheres para o reconhecimento de seus direitos pela sociedade e pelo Estado. Direitos previstos à época pelo sufrágio universal (direito de voto às mulheres, como comenta Miguel (2014)

...demanda por presença política das mulheres deixou paulatinamente de ser enunciada como a busca pela representação de uma identidade comum e unificada ou mesmo de interesses unívocos, sendo apresentada como a necessidade de dar voz a determinadas perspectivas sociais. (MIGUEL, 2014, p. 84).

Outro aspecto a ser apreendido pela cena capturada pelo olhar literário e também militante comunista de Eneida de Moraes é do corpo feminino como o lugar do impedimento político porque transgressor; bem como o corpo feminino como lugar documental de resistência por uma luta maior: a emancipação feminina se desenhando no Estado Novo para se efetivar em décadas posteriores.

2. Senha Comunista

O conteúdo do texto “Companheiras” emerge de uma movência política, bem como de uma motivação para a inversão da lógica cultural imposta ao gênero feminino, por isso pensar o vínculo dessas mulheres ao Partido Comunista como estratégia de interconexão para fortalecerem os laços políticos, pois segundo assevera Raquel Recuero (2012, p.601)

As conexões sociais são normalmente referidas pela literatura como laços sociais. O conceito de “laço social” é amplo ...é a conexão que é estabelecida entre dois atores e que dá acesso a recursos sociais para ambos e que forma a estrutura social .”, assim como desencadearia um sentimento de pertencimento aos valores emancipatórios femininos, cujas mulheres creditavam força performática, por acreditarem nas mudanças possíveis – ideológicas, partidárias, políticas, discursivas. Recuero (RECUERO, 2012, p.601).

Vale enfatizar o período retratado 1937, período cujas manifestações informacionais ocorriam de duas maneiras: em suporte impresso, numa legitimidade ao Regime pela ação da escrita; segundo, pelo exercício contínuo da fala do poder (de um lado) e da clandestinidade oral (de outro), fio condutor das redes de pensamento da época supracitada, visto que o poder vigente desaprovava a ação da ideologia comunista porque contrariava as paradoxais diretrizes varguistas: de um lado a adoção do sufrágio universal, de outro, a rejeição ao protagonismo feminino exercitado pela prática relacional de cidadania.

Este descompasso nas relações das e com as mulheres atinou um processo criativo de modelos de sociabilidades e interação entre as presas políticas. Assim, utilizavam seus corpos ante a necessidade de viralizar posturas e concepções, para produzir pelo movimento corporal uma rede interativa, bem como alternativa, que as mantivessem

próximas, com a finalidade de se fortalecerem como movimento ideológico e aquecerem o ideário do Partido. Além disso, em meio às adversidades políticas tanto na cela, quanto fora desta, criaram um código de segurança, cuja SENHA as protegeria de possíveis “infiltradores”; essa senha, também as identificaria como parte de uma rede de relações complexas vinculadas ao pensamento político e social que as conectavam: COMUNISTA.

À entrada de cada nova integrante àquele local (cela 4), era tensionado por uma incógnita... um segredo... uma percepção do contexto social, fato esse gerador de atitudes compartilhadas e dinamizada pelo corpo feminino, como relata a escritora Eneida de Moraes, também militante:

*Olhou em torno. Procurou examinar uma a uma as mulheres, envolvendo –as todas num olhar imenso. Sentou-se na ponta de uma cama próxima, curvou-se, meteu os dedos por entre os cabelos. (...) Levantou os olhos, encarou-nos de frente, parecia um animal pronto a se defender. **Nossas perguntas foram feitas em várias línguas.** (MORAES, 1989, p. 134-135, grifos meus).*

E, quando do anúncio emblemático da senha: COMUNISTA as tensões se desfaziam:

*“Uma de nós adiantou-se e lhe disse:
- Eu sou comunista. -
Foi a esse grito que aquela mulher despertou. Agarrou-se à companheira, beijo-lhe o rosto e pôs-se a exclamar com grandes lágrimas descendo pelo rosto alquebrado:
- Camarada, minha camarada!”
(MORAES, 1989, p. 135).*

3 Sororidade: É a união e aliança entre mulheres, baseado na empatia e companheirismo, em busca de alcançar objetivos em comum. A origem da palavra Sororidade está no latim *sóror*, que significa “irmãs”.

Confere-se a esse gesto um ato de sororidade³ às representações femininas inventariadas a partir da leitura de uma ferramenta de difusão de uma identidade pública, do ponto de vista da preservação da segurança, das subjetividades. Ainda, consolida-se como uma identidade privada, pela perspectiva da regulação e controle de um grupo específico: o Partido Comunista representado pelas mulheres e as mulheres emancipadas representantes do Partido.

Por trás da senha Comunista, uma rede de acontecimentos do partido e do que este ensejava no mundo somada à efervescência do movimento político, assumido pelo regime autoritário de Getúlio Vargas, no Brasil. Daí pensar a senha produzida pelas personagens como instrumento de empoderamento feminino criado para atender aos propósitos das usuárias em meio a teia de acontecimentos internos atravessados por acontecimentos externos. O que lembra um pensamento de Aguadero Fernandez (1997) ao afirmar que o importante e o lógico é que como entidades humanas e sociais aprendamos, num primeiro momento, a comunicar, e depois de conseguido esse objetivo, facilmente a informação e os **média** farão o resto.

Ressalta-se aqui que os **média** à época seriam todos os recursos de comunicação disponíveis e de domínio público, de forma oficial – caso atendessem aos interesses varguistas- ou de forma clandestina – para atender aos anseios dos discursos censurados pela cultura de 1930. Cabe associar as diretrizes tomadas pelo movimento partidário a uma rede de interconexão das ativistas e ou militantes, a exemplo das mulheres presas - sujeitos ativos, bem como passivos porque dependentes das ordens reguladas pela ação do partido para gerar a conquista da emancipação feminina.

Por isso, a relação com “redes interconectadas”, termo cunhado em 1982, pelo exército americano ao terem conseguido associar as redes conectadas com a ordenação por associação dos documentos guardados numa grandiosa

base de dados (Garcia -2005); fato esse que nos remete a causa empreendida pelas presas, em 1937, na cela 4, Pavilhão Primário, quando da necessidade delas de manter movente as informações, fazendo da prisão o lugar de fala, o lugar de sociabilidades; interligado ainda à ação do corpo humano como modelo implementar de um sistema comunicacional ligado a rede anunciada por Max e Weber em seu Manifesto.

Assim, a senha **comunista** instituiu-se como código de segurança e ainda previa o desenvolvimento de um exercício de cidadania. Por outro lado, instaurava uma medida protetiva aos seus usuários ao excluir possíveis “infiltradores”, elementos esses nocivos à comunicação positivada no ideário do partido, ênfase essa ao capital cultural que enovelava seus adeptos. Raquel Recuero sobre capital cultural, salienta que o conteúdo de uma relação é aquilo que é trocado entre os pares através das interações sociais, como a quantidade de informações, sentimentos, suporte, conhecimento e etc.

E mais, neste estudo comparativo entre a ação comunicativa gerada pelas presas políticas e a rede social por elas intensificada insere-se o conceito de **laços**, também de Raquel Recuero ao afirmar que os laços relacionais se constituem a partir das relações multifacetadas entre mulheres de diferentes classes sociais e formações culturais, bem como ratificado no texto *Companheiras*:

Havia louras, negras, mulatas, morenas; de cabelos escuros e claros; de roupas caras e trajas modestos. Datilógrafas, médicas, domésticas, advogadas, mulheres intelectuais e operárias. (MORAIS, 1989, p.132).

No entanto, essas diferenças de classe social, de etnia, de hierarquias intelectuais não comprometem os laços associativos que as interconectavam ao Partido.

O conflito interior e exterior vivenciado por essas mulheres em meio ao ano de 1937 assemelha-se às situações posteriores,

também conflitantes, ocorridas durante a 2ª. Grande Guerra Mundial, todavia a partir do conflito vislumbram-se possibilidades e reflexões. Pensamento este enfatizado no texto cinematográfico *O Jogo da Imitação* (2014) ao fazer referência ao criptoanalista inglês Alan Turing, reconhecido como o pai da computação moderna, narrar a experiência de ter em sua equipe de matemáticos a presença de uma mulher e manter em clandestinidade a função exercida por ela.

Ao reativar esse pensamento, constata-se o processo tenso das questões de gênero nas personagens documentais de Eneida de Moraes, bem como no texto cinematográfico e o sistema de códigos linguísticos construídos por elas como meio e mensagem, ratificando o entendimento de que a comunicação é uma condição humana; também um direito fundamental de inclusão social.

E mais, que a experiência com a linguagem com todos os seus códigos e signos se espalha para cumprir diferentes fins, de acordo com a época a que se insere; daí os aparatos comunicativos serem também a cada época, modificados e atualizados com o objetivo de atenderem aos interesses sociais, políticos e ideológicos de seus usuários (as).

No entanto, não se pode esquecer que é no corpo que as experiências se ritualizam e, dada a condição de tensão e enfrentamento vivenciada pelas mulheres, na busca por uma identidade e reconhecimento é o corpo feminino lugar de luta já que os atos

de poder não se inscrevem apenas sobre o corpo, mas também e ainda dentro do corpo. Fato esse que lembra o pensamento de Greiner (2005) ao chamar atenção para o fato de que a política nutre-se dos gestos porque eles são a “comunicação da comunicabilidade”; acrescentaria ainda ao gesto, como elemento mediador indisciplinado de e para sociabilidades.

3. Palavras finais...

Na tentativa de discutir o texto da escritora paraense e as rotinas humanas afetadas, tensionadas pelo enclausuramento/descaso social, importante mencionar o que Sartre (2004, p.20) nos afirma: “O escritor engajado sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar, senão tencionar mudar [...]”

E como bem diz Sartre que um escritor “dirige o leitor”, Eneida de Moraes ao descrever a cena das mulheres presas políticas de 1937, inscreve e mistura às realidades históricas de onde e quando fala sobre as experiências comunicativas vivenciadas à época. Nessa encruzilhada de experiências é possível “o escritor falar, designar, demonstrar, ordenar, recusar, insinuar, interpelar”, numa adaptação do que diz Sartre na obra *Que é literatura?* por entendermos que a existência humana só pode ser pensada em sociedade.

Desta forma, evidencia-se na ação das presas tanto ao utilizar o corpo feminino, como ainda na institucionalização da

senha comunista relações de sociabilidade, como também de proteção às medidas de autoritarismo desencadeadas durante o Estado Novo. O corpo feminino assume formas cifradas, na formação discursiva ao representar-se como lugar de impedimento da dominação masculina e, ainda, lugar de transgressões a essa mesma dominação.

A compreensão dos movimentos empreendidos pelas presas detentas na narrativa de Eneida de Moraes lembra ainda dos enfrentamentos após a conquista do direito ao voto, haja vista ficar evidente que o sufrágio universal foi tensionado pela arbitrariedade de um regime vigente, além de confirmar uma luta feminina que se anunciou desde o Tratado sobre a *Emancipação Política da Mulher*, publicado em 1868, escrito por Anna Rosa Termaesis do Santo. Esse Tratado pleiteava o direito feminino de participação política, além de tutelar o voto feminino como possibilidade de atuação efetiva das mulheres nos campos de saberes.

Este zigzague histórico faz-se necessário para enfatizar o quanto de ações de implementação as mulheres desenvolveram ao longo de diferentes épocas para fazer valer os seus direitos. Ações essas, na maioria delas, tendo o corpo como lugar de percepções, bem como de interações sociais. E nesse processo de representações femininas, evidenciar os percalços enfrentados pela e na comunicação, para exercerem o direito às sociabilidades históricas e políticas.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. UFMG, 2010
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. 12ª edição. 2006. HUCITEC.
- Disponível em: <http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/MARXISMO_E_FILOSOFIA_DA_LINGUAGEM.pdf>. Acesso em: 07/11/2016.
- BRASIL. *Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm> Acesso em: 08/11/2016
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero. Feminismo e Subversão da Identidade*. Grupo Editorial Record. 2015
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DEDICH. *Glossário. Departamento de Direitos Humanos e Cidadania - DEDIHC*.
- DENIS, Benoit. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. São Paulo: EDUSC, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. *Verdade, poder e si mesmo*. In: _____. *Ditos e escritos: ética, sexualidade, política*. v. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- GARCIA, José Luis Lima. *Cibercultura e Cidadania*. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/garcia-jose-luis-cibercultura-cidadania.pdf>
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1 ed. 13ª reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GREINER, Christine. *O Corpo: pistas para estudos interdisciplinares*. - São Paulo: Annablume, 2005.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. 10 ed. Rio de Janeiro: DP & A. 2005.
- HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos*.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista /: Vozes, 1997.
- MIGUEL, Luis Felipe. *Feminismo e política: uma introdução / Luis Felipe Miguel, Flávia Biroli*. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2014.
- MORAES, Eneida. *Aruanda*. Belém, Secult: FCPTN, 1989.
- ONU. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. 1948.
- ONU. *Princípios de Empoderamento das Mulheres*. Disponível em: <www.onumulheres.org.br> Acesso em: 07/11/2016
- PRADO, Franklin Lobato. *A voz da cidadania: ações em defesa dos direitos humanos e coletivos*. Paka-Tatu, 2013.
- RAMOS, André de Carvalho. *Curso de Direitos Humanos*. 3ª ed. ver., atual. e ampl. - São Paulo: Saraiva, 2016.
- RECUERO, Raquel. *O Capital Social em Rede: Como as Redes Sociais Na Internet Estão Gerando Novas Formas de Capital Social*. Contemporânea | Comunicação e Cultura - v. 10 - n. 03 - set-dez. 2012.
- Regras de Bangkok: Regras das Nações Unidas para o tratamento de Mulheres Presas e Medidas Não Privativas de Liberdade para Mulheres Infratoras*. Conselho de Justiça. Departamento de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário e do Sistema de Execução de Medidas Socioeducativas. Conselho Nacional de Justiça. 1ª ed. Brasília: Conselho Nacional de Justiça, 2016
- ROSENBERG, Marshall B. *Comunicação Não-Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Ágora, 2006.
- SARTRE, Jean-Paul. *As Palavras*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. Tradução: J. Guinsburg, 2005.
- _____. *Que é literatura?* 3 ed. São Paulo: Ática, 2004.
- SOUZA, Elizeu Clementino. *A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação*. In: *Revista Educação em questão*. V. 25, n. 11; jan/abr 2006. Natal - RN: EDUFRN, 2006.
- SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG. 2010.